



LIVROS

Massacre chinês vira tema de ficção

Ma Jian, convidado da 7ª Flip, usa protestos na praça da Paz Celestial como mote para revisar a história recente do país

Jeff Widener - 5 Jun. 1989/Associated Press

Em entrevista à Folha, o autor de 'Pequim em Coma' relembra sua juventude e fala sobre a influência do Partido Comunista

"Vejo que a juventude chinesa de hoje está paralisada, perdeu a habilidade de fazer perguntas e o desejo de fazê-las", diz. De Londres, ele conversou com a **Folha** por e-mail. Confira os principais trechos.

RAUL JUSTI LORES
DE PEQUIM

Estudante que participa dos protestos na praça da Paz Celestial, Dai Wei leva um tiro dos militares e fica em coma —desperto, mas paralisado. Ele é o narrador de "Pequim em Coma", caudalosa e violenta obra de Ma Jian, 56, um dos raros romances chineses a enfrentar o trauma do massacre de centenas de pessoas, que completou 20 anos no último dia 4.

Ma é um dos convidados da 7ª Flip (Festa Literária Internacional de Paraty). No livro, sem romantizar a tragédia, Ma conta como alguns líderes estudantis mimetizavam as práticas do Partido Comunista em seu autoritarismo ingênuo.

Em seu leito, o protagonista rememora a loucura de sua infância durante a Revolução Cultural chinesa e narra a efervescência dos anos 80 no país, épocas vividas pelo autor.

Ma mora em Londres há quase duas décadas e todas as suas obras são proibidas na China. Ele retorna todo ano ao país natal para visitar a família.

ANOS 80, FREUDE E BACH

Os anos 80 foram excitantes na China. Estávamos nos abrindo para o resto do mundo e os jovens estavam sedentos, começamos a ler Hemingway, García Márquez, Freud, Allen Ginsberg traduzidos e a ouvir Beethoven e Bach. Descobrimos no Ocidente outras maneiras de pensar e de viver.

Aprendemos que o Ocidente não era a terra de operários oprimidos que estavam nos esperando para liberá-los dos demônios imperialistas, como tínhamos aprendido.

IDEALISMO DESTRUÍDO

Essa esperança e esse idealismo foram esmagados pelos tanques na praça da Paz Celestial, em 1989. Agora, a juventude chinesa está paralisada. Primeiro, pelo medo. Depois, pela prosperidade. Como o partido apaga a história nos livros escolares, a juventude está desconectada de seu passado.

Há pouca curiosidade sobre o Ocidente. Eles engoliram a propaganda do governo de que o Ocidente é inimigo da China, querendo impedi-la de virar superpotência. Perderam a habilidade de fazer perguntas, assim como o desejo de fazê-las.



Homem bloqueia passagem de tanque, em imagem símbolo do protesto pró-democracia da praça da Paz Celestial, em junho de 89

Os estudantes chineses que estudam no exterior querem aprender do Ocidente para bater o Ocidente.

Conheço pessoas em Londres que não leem os jornais britânicos e que continuam, pela internet, a só ler os sites chineses controlados pelo governo. Eles levam consigo suas prisões comunistas ao exterior.

PSIQUÊ FEUDAL

O partido se beneficiou e explorou a ideologia feudal do confucionismo, de reverência inquestionável ao imperador. Ela ainda está na psiquê chinesa. Crianças precisam aceitar a vontade dos pais e a vontade do partido. Criamos uma sociedade infantilizada onde é duro aos adultos ter uma vida autônoma e independente.

As seis semanas de protesto de 1989 mostraram que, tendo oportunidade, os jovens chineses foram capazes de se levantar por si sós, mas agora voltaram a seu estado subserviente e medroso.

FORÇA CORRUPTORA

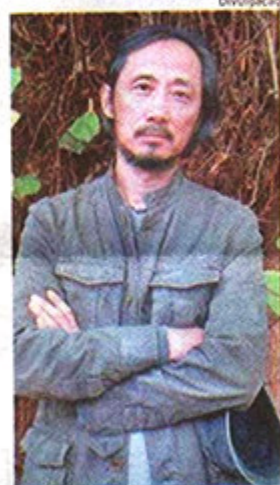
O povo chinês é um quarto da população mundial, é justo que tenham mais voz nos assuntos internacionais.

Mas, tragicamente, eles são representados por um partido sem mandato democrático, que coloca seus interesses acima dos cidadãos da China ou do resto do mundo. Enquanto estiver no poder, a crescente força da China terá uma influência corruptora no mundo.

ERROS E CONQUISTAS

Eu estava na praça em 1989. Havia idealismo, coragem e nobreza, um movimento que parou o país por mudanças.

Mas também quis mostrar como a falta de experiência e a educação comunista tragicamente condenaram os estudantes ao fracasso. Mas não os condeno nem os critico no livro. Suas conquistas foram muito maiores que seus erros.



O escritor chinês Ma Jian, 56

PEQUIM EM COMA

Autor: Ma Jian
Tradução: Heloisa Mourão
Editora: Record
Quanto: R\$ 70 (700 págs.)



Essa esperança e esse idealismo foram esmagados pelos tanques na praça da Paz Celestial, em 1989. Agora, a juventude chinesa está paralisada. Primeiro, pelo medo. Depois, pela prosperidade

MA JIAN
autor de 'Pequim em Coma'